

# Revista em EAD

## polo Niterói

### Primeira Edição da Revista Eletrônica do Polo Niterói

Leia nesta primeira edição : Artigos,  
Opinion Paper, Relatos de Experiências,  
Entrevistas, Resenhas e Poemas.



## COMITÊ DE AVALIAÇÃO

Ageu Cleon  
Carla Marília dos Santos  
Vânia Laneuville Teixeira

## COMITÊ EDITORIAL

Camila Moraes  
Fabio Simas  
Giane Moliari Amaral Serra  
Gladson Antunes  
Leila Lopes  
Leonardo Silveiras  
Ludmila Guimarães  
Mariana Muaze

## COMISSÃO TÉCNICA

Ana Cristina Costa  
Mônica Lopes  
Rodrigo Cantarella  
Thiago Martorelli

## GERENTE-EDITOR

Christiny Veiga Fidelis

## REVISOR

Isabel Vitória Pernambuco de  
Fraga Rodrigues

Contato: [alcance@unirio.br](mailto:alcance@unirio.br)

# EDITORIAL

**Dr<sup>a</sup> Vânia Laneuville Teixeira - Diretora do Polo de Niterói**  
Pedagoga - Doutora em Educação - UFF

É com imensa satisfação que O Polo UAB/CEDERJ de Niterói e a Coordenação de Educação a Distância (CEAD) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro disponibilizam o primeiro número da Revista Eletrônica em EAD-Polo Niterói.

Professores, autores locais, graduandos e graduados, da UNIRIO e de outras universidades, nos deram o prazer e o privilégio de colaborarem com seus textos, demonstrando o quanto a Educação a Distância (EAD) se tornou espaço de democratização, seja pelo acesso ao ensino superior, seja pelo fato de permitir uma rica rede de trocas e interações acadêmicas, que vão muito além dos muros das universidades.

A Revista Eletrônica em EAD nasceu com uma proposta editorial democrática, aberta a todas as tendências investigativas contemporâneas e a todos os sujeitos que transitam pelos cursos desenvolvidos no Polo de Niterói. Configura-se em mais um espaço para a divulgação dos resultados de pesquisas científicas, resenhas, trabalhos acadêmicos, contos, comunicações e, conseqüentemente, um locus de constante troca e ampliação de conhecimentos.

A diversidade e o caráter democrático que marcam os textos aqui apresentados são os traços que fundamentam a Revista Eletrônica em EAD, que segue estes princípios sem perder o rigor e a seriedade científica.

Os textos publicados nesta edição evidenciam a construção de vários pesquisadores, sejam eles jovens ou de notório saber, para os quais o eixo do progresso científico cruza com os das necessidades sociais, o que favorece um amplo leque de abordagens.

Esperamos que esta publicação, que inicia seus primeiros passos neste número, auxilie e contribua com todos os seus leitores na formação do pensamento reflexivo, fomentando a pesquisa acadêmica e o discurso científico no âmbito do Polo, das universidades e fora deles.

Acima de tudo, que este espaço de divulgação científica interligue pensamentos e projetos, por vezes, distantes fisicamente, mas conectados ideologicamente e politicamente, em prol da valorização da Educação de qualidade e acessível a todos.

Bem vindos à Revista Eletrônica em EAD! Boas leituras!

**Artigo:** A realidade do cotidiano dos escolares adolescentes da rede municipal do ensino fundamental de Niterói diante da televisão e da prática de atividade física.

**Resumo:**

Adolescentes passam muito tempo sentados na escola e quando estão em casa gastam muito tempo assistindo à televisão e pouco tempo com a prática de atividade física, o que pode ocasionar um ganho de peso e, conseqüentemente, obesidade. O objetivo principal do presente estudo foi comparar o tempo destinado a assistir à televisão com a prática de atividade física de uma amostra probabilística de adolescentes. A metodologia adotada foi de estudo transversal, em amostra probabilística de alunos das 12 escolas da rede de ensino municipal de Niterói, selecionada em dois estágios (turmas e alunos) e estratificada por escola. Nesse universo, medidas antropométricas foram obtidas (junto com informações sobre as características de assistir à televisão e praticar atividade física) por questionário, na própria

escola. O total da amostra (n=328) adolescentes de 10 a 18 anos. Os resultados mostraram que as meninas assistem mais à TV que os meninos, e que eles praticam o dobro de atividade física. Pode-se concluir que o tempo gasto vendo televisão caracteriza adolescentes com estilos de vida inadequados; e a atividade física, predominantemente leve.

**Palavras-chave:** sedentarismo, escolares, tempo de televisão, atividade física.

A televisão é onipresente, com pelo menos um aparelho na maioria das casas de família nos países desenvolvidos (UNESCO, 1999). Ela se tornou um entretenimento tão usual que o censo demográfico brasileiro indicou haver mais domicílios com TV (87%) do que com geladeira (83,2%) (Anjos, 2006).

Na última década pesquisadores têm se dedicado ao estudo do comportamento de jovens à frente da televisão, os reflexos deste comportamento para formação de um estilo de vida sedentário e sua contribuição para o excesso de peso (Dennison, 2002). Assistir à televisão representa um dos maiores comportamentos sedentários e tem sido associado com o aumento na prevalência de obesidade (Vioque et al., 2000). A premissa é que quanto maior for o tempo gasto em frente à televisão menor será a prática de atividade física e maiores serão o ganho de peso e a obesidade na infância (Sichieri & Souza, 2008). De fato, a redução da prática da atividade física é fator predisponente à obesidade, que aparece como resultado do desequilíbrio entre a ingestão e o gasto energético (Anjos, 2006). Embora a atividade física tenha fundamental importância na vida das crianças, verifica-se uma tendência cada vez maior à adoção de padrões caracterizados por um predomínio de atividades de lazer passivo (assistir à televisão, usar jogos eletrônicos) em detrimento das atividades físicas (Barros & Nahas, 2003).

Com relação ao hábito de ver televisão, existe uma tendência atual de se utilizar o tempo gasto em horas diárias diante de um aparelho como indicador de vida sedentária, explicando, dessa maneira, a epidemia da obesidade. De fato, essa variável é de fácil obtenção e tem lógica, do ponto de vista explicativo, ao incorporar um hábito que poderá diminuir a prática esportiva de lazer e aumentar a ingestão energética, particularmente em crianças/adolescentes (Mendonça & Anjos, 2004).

Como dados populacionais sobre o tempo assistindo à televisão e o da prática de atividade física, assim como suas consequências para a saúde em segmentos da população brasileira, são escassos, o objetivo principal do presente estudo foi comparar o tempo destinado a assistir à televisão e a prática de atividade física de uma amostra probabilística de adolescentes da rede pública de ensino fundamental de Niterói, Rio de Janeiro.

**Metodologia:** Estudo transversal, em amostra probabilística de alunos das 12 escolas da rede municipal de Niterói, selecionada em

dois estágios (turmas e alunos) e estratificada por escola. Nesse universo, medidas antropométricas foram obtidas (junto com informações sobre as características de assistir à televisão e praticar atividade física) por questionário, na própria escola, entre setembro e dezembro de 2010. O total da amostra (n=328), quando expandida, representa os 4.546 adolescentes de 10 a 18 anos.

**Resultados:** os achados mostraram que, referente à atividade física, quase a totalidade dos adolescentes (97,2% das meninas e 92,3% dos meninos) tinham aula de Educação Física (EF) na escola. Entretanto, os meninos faziam mais aulas de Educação Física (94,5% versus 86,4%) e muito mais atividade física fora da escola (70,4% versus 38,6%) do que as meninas.

Ao se verificar como os adolescentes se autorreferiam quanto às atividades diárias realizadas, constatou-se em primeiro lugar “caminho pouco ou fico de pé bastante tempo durante o dia e só realizo atividades leves” (28,0%), seguido por “na maior parte do dia realizo atividades moderadas” (26,3%), “passo a maior parte do tempo sentado e, quando muito, caminho distâncias curtas” (25,3%) e, por último, “diariamente realizo muitas atividades intensas” (20,4%).

Os meninos relataram fazer quase o triplo de atividades intensas que as meninas (34,8% versus 13,5%) e, naturalmente, estas caracterizaram suas atividades diárias em atividades mais sedentárias (29,0% versus 17,7). Já os resultados do tempo assistindo à TV demonstraram terem todos os domicílios dos escolares de Niterói aparelhos de televisão, sendo que 44,7% tinham dois e 24,2% possuíam 3. A média de aparelhos foi de 2,3 por residência. O maior percentual (44,7%) foi de duas televisões por domicílio. Quase a metade dos escolares de Niterói (47,2%) possuía TV por assinatura; 13,1% declararam assistir à televisão por não terem nada para fazer.

As meninas assistem, em média, a mais televisão do que os meninos, todos os dias da semana e nos fins de semana. As meninas assistem menos à televisão no sábado; os meninos, nas terças e quintas.

Ao identificar quem controla o tempo

diário do adolescente diante da TV constatou-se que 63,7% não são controlados por ninguém; e em 26,6% é a mãe quem mais controla. Os resultados (Tabela 1) mostraram que as meninas assistem mais à TV que os meninos, e eles praticam o dobro de atividade física que elas.

Tempo	Meninos	Meninas
Assistindo à televisão	20.3h	25.1h
Praticando atividade física	5.5h	2.6h

Tabela 1: tempo comparado de meninos e meninas assistindo televisão e praticando atividade física.

**Discussão:** Estudos têm mostrado que as pessoas assistem à televisão por vários motivos: alguns, por ser uma forma de lazer acessível a todas as camadas da população (Borges et al., 2007); outros, por pertencerem à baixa classe econômica e/ou viverem em áreas com problemas de segurança, o que faz com que fiquem confinados em suas residências (Crivelaro et al., 2006). Especificamente para crianças/adolescentes, o dinamismo e a versatilidade da televisão (Ayres, 1998), o seu papel de fornecer assuntos para discussão na escola (Fletcher, 2006) e o seu papel de preenchedora do tempo, principalmente na ausência dos pais em casa (Carneiro, 2007), são fortes motivos para que os adolescentes assistam a ela.

Na presente investigação, a média de tempo diária assistindo à televisão foi de aproximadamente 3,4h por dia e variou pouco entre os dias da semana ou de final de semana. Ao comparar os adolescentes de Niterói com os de outros países, percebeu-se que aqueles apenas ficaram abaixo, na quantidade de tempo assistindo à televisão, do México (Hernández et al., 1999) e Irã (Maddah & Nikooyeh, 2010). A maior média diária de tempo assistindo à TV, entre os países do mundo, é a do México - 4,1h, seguido de Irã - 3,5h, Espanha - 3,3h (Vioque et al., 2000), Bélgica - 3,1h (Bulck & Mierlo, 2004), Emirados Árabes - 2,5h (Henry et al., 2004), Austrália - 2,3h (Hardy et al., 2006). Uma observação importante é que a maior média

diária (6h) encontrada no mundo foi no Brasil, no estado de São Paulo, em 2006 (Celestrino & Costa, 2006) e a menor média diária mundial desta atividade é da Itália - 1,4h (Fainardi et al., 2009).

Os adolescentes de Niterói, em média, veem televisão acima do tempo recomendado pela Academia Americana de Pediatria (não assistir  $\geq 2h$  de televisão diariamente) (AAP, 2001) e do proposto em abordagem de base populacional, como forma de prevenção da obesidade (Mauriello et al. 2006). Nunes et al. (2007) sugerem o limite de  $\geq 3h$  por dia como ponto para classificar adolescentes com estilo de vida inadequado. O tempo de  $\geq 4h$  por dia de televisão já foi sugerido como base para definir adolescentes consumidores excessivos de televisão (Campagnolo, 2008).

Os dados acima mostram a grande variabilidade na média diária de tempo assistindo à televisão, porque cada local, com sua cultura e particularidade, oferece, em seu entorno, atividades que fazem com que o adolescente tenha mais oportunidade de realizar atividades ativas fora de casa, além do provável desconhecimento da família dos possíveis malefícios da exposição excessiva à televisão. Cabe aos pais permitir e ensinar a seu filho qual o tempo adequado para assistir à televisão, e envolver os adolescentes em programas de atividades que gerem gasto energético (GE).

Quase a metade dos escolares de Niterói (47,2%) possuía televisão por assinatura, fato que significa que a oferta de programação oferecida é diversificada. É possível que, quanto maior o entretenimento televisivo, maiores sejam as chances de o adolescente fazer da televisão o passatempo preferido, e gastar mais tempo diante deste lazer passivo. Fatores espontâneos, como o número de canais de televisão disponíveis e oportunidades para realização de atividade física, também podem ter importantes influências no tempo assistindo à televisão (Jago et al., 2008).

Outro item importante é a colocação de uma televisão no quarto da criança, o que, segundo Epstein et al. (2008), pode aumentar o risco de obesidade, ao criar uma barreira entre a família e o televisor. Estudo americano mostrou

que as crianças com televisor no seu quarto poderão a ele, ainda por mais tempo, do que os pais sabem. (Dennison et al., 2002). Em Niterói, não foi investigado se os adolescentes tinham televisor no quarto; contudo 44,7% dos escolares relataram que tinham dois televisores por domicílio e quase a metade deles possuía televisão por assinatura, o que demonstra que os pais podem, realmente, não ter a noção exata de quanto tempo seus filhos passam assistindo à televisão. O controle no tempo de televisão assistida pode influenciar no estado nutricional ao interferir no gasto e na ingestão energética.

De qualquer forma, controlar o tempo de televisão parece ser uma estratégia razoável para prevenir o sobrepeso/obesidade, pois intervenções baseadas no controle do tempo assistindo à televisão na escola têm sido associadas com redução de adiposidade (Dennison et al., 2002). O ambiente familiar, em que depois da escola assistir à televisão é parte da cultura e onde as crianças têm maior autonomia de comportamento, está associado ao risco maior de assistir televisão >2h por dia (Jago et al., 2008)

As meninas de Niterói assistiam, em média, mais à televisão do que os meninos, o que é contrário ao achado em pesquisa realizada na Bélgica (Bulck & Mierlo, 2004). Contudo, os meninos de Niterói realizavam mais atividade física na escola e fora dela do que as meninas, o que pode ser uma das explicações de terem eles menor sobrepeso e obesidade. É possível que a melhor forma de prevenir o sobrepeso e a obesidade seja por meio do aumento da atividade física e não apenas pela redução do tempo assistindo à televisão, como argumentam também Bulck & Hofman (2009). Como o ato de assistir à televisão é uma realidade na vida dos adolescentes, sugere-se que eles conciliem isto com o tempo destinado à atividade física, como forma de compensação: para cada duas horas diárias diante da televisão, gastar, pelo menos, 30 minutos de atividade física regular de intensidade moderada.

Ao aferir a atividade física, os resultados reforçaram que a modernidade trouxe uma série de modificações no cotidiano das pessoas,

especificamente no dos adolescentes. A falta de movimentação, que vem sendo discutida na última década por pesquisadores, foi reforçada pelo autorrelato de como os adolescentes de Niterói se percebem quanto a suas atividades diárias. Constatou-se que o relato mais frequente caracterizou-se pelos adolescentes caminharem pouco ou somente realizarem atividades leves ao longo do dia. Meninos demonstraram ser mais ativos, e quase o triplo deles realizavam atividades intensas em relação a elas; as meninas caracterizaram suas atividades diárias como mais sedentárias.

Os resultados mostraram que dos 70,4% dos meninos que realizavam atividades fora da escola, a mais frequente era o futebol, com mais da metade dos adolescentes, seguido por andar de bicicleta e futebol de salão. Já as meninas, do total de 38,6% que realizavam atividade fora da escola, a mais relatada era andar de bicicleta, seguida de futebol e dança. A média do tempo total semanal de atividade física dos escolares de Niterói que fizeram atividade fora da escola foi de 3,6h, com os meninos fazendo o dobro da quantidade de atividade. Como elas realizavam menos atividade física e apresentaram maior prevalência de excesso de peso do que o encontrado em meninos, sugere-se que haja um controle redobrado em suas atividades diárias. Apesar de ser um percentual pequeno de escolares que não tinham aula de Educação Física (EF) na escola, o direito de ter aulas dessa disciplina é assegurado pelos parâmetros curriculares nacionais (SEF, 2001). É possível que estes alunos possam ter prejuízo, pois a ausência de aulas de EF pode contribuir para um estilo de vida mais sedentário e uma diminuição do GE, favorecendo o excesso de peso.

Estratégias para estimular os alunos que não participam de aulas de EF a fazê-lo irão levar uma geração a ter o hábito de atividades saudáveis e buscar qualidade de vida. Os pais devem tomar ciência de que, mesmo sendo ofertadas gratuitamente, as aulas de EF na escola são ignoradas por 11,1% dos escolares. Strong et al. (2005) esclarecem que o tempo recomendado de 60 minutos ou mais de atividade física para adolescentes pode ser alcançado de forma

cumulativa na escola durante as aulas de EF, recreio, esportes internos e antes e depois das aulas regulares. Estratégias para promover um estilo de vida ativo nos adolescentes por meio de atividades ao ar livre (brincadeiras, pedaladas, jogos e práticas esportivas lúdicas) podem ser convidativas para eles se tornarem mais ativos na escola e fora dela. Caso contrário os televisores conseguirão preencher o tempo ocioso. Como todo estudo, o presente trabalho apresenta a limitação da utilização de questionários para obtenção do tempo de atividade física, assistindo à televisão.

**Conclusão:** o tempo assistindo à televisão foi caracterizado como de adolescentes com estilos de vida inadequados e a atividade física como predominantemente de atividades leves. Há necessidade de criar estratégias sensíveis e individualizadas para promover a atividade física e substituir o tempo assistindo à televisão por um lazer ativo, assim como conscientizar os profissionais que lidam com saúde a formular políticas neste sentido, para que haja prevenção de doenças, melhora da qualidade de vida e controle do excesso de peso em adolescentes.

Os pais devem ser modelo de boas práticas de saúde e têm papel importante no controle do tempo de tela, no estímulo à prática de atividade física e na exemplificação de estilo de vida ativo. Um controle/orientação dessas atividades será fundamental para uma melhor qualidade de vida em longo prazo dos escolares adolescentes de Niterói.

### Referências Bibliográficas:

1. AAP. American Academy of Pediatrics. Committee on Public Education. American Academy of Pediatrics: children, adolescents, and television, *Pediatrics*. 2001; 107:423-6.
2. Anjos LA. *Obesidade e Saúde Pública*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
3. Ayres AT. *Televisão: Falando francamente a respeito*. São Paulo: Vida, 1998.
4. Barros MVG, Nahas MV. *Medidas da atividade física: teoria e prática em diversos grupos populacionais*. Londrina: Midiograf, 2003.
5. Borges CR, Köhler MLK, Leite ML, Silva ABF, Camargo AT, Kanunfre CC. Influência da televisão na prevalência de obesidade infantil em Ponta Grossa Paraná. *Cienc Cuid Saúde*. 2007. Jul-Set; 6(3):305-11.
6. Bulck JV, Mierlo JV. Energy intake associated with television viewing in adolescents, a cross sectional study. *Appetite*. 2004 Oct; 43(2):181-4.
7. Campagnolo PDB, Vitolo MR, Gama, CM. Fatores Associados ao Hábito de Assistir TV em Excesso Entre Adolescentes. *Rev Bras Medo Esp*. 2008 Mai/Jun; 14(3)197-200.
8. Carneiro VG. A influência da mídia na obesidade de crianças e adolescentes. Monografia apresentada ao curso de Educação Física da UNAERP - Campus Guarujá como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física, 2007.
9. Celestrino JO, Costa AS. A prática de atividade física entre escolares com sobrepeso e obesidade. *Rev. Mack Educ Física Esporte*. 2006; 5(3):47-54.
10. Crivelaro LP, Sibinelli EC, Ibarra JA, Silva R. A publicidade na TV e sua influência na obesidade infantil. *UNI revista*. 2006 jul; 1 (3):1-7.
11. Dennison BA, Erb TA, Jenkins PL. Television Viewing and Television in Bedroom Associated With Overweight Risk Among Low-Income Preschool Children. *Pediatrics*. 2002; 109:1028-35.
12. Epstein LH, Roemmich, JN, Jodie L, Robinson JL, Paluch RA, Winiewicz DD, Fuerch HJ, Robinson TNA Randomized Trial of the Effects of Reducing Television Viewing and Computer Use on Body Mass Index in Young Children. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2008 March; 162(3):239-45.
13. Fainardi V, Scarabello C, Brunella I, Errico MK, Mele A, Gelmetti C, Sponzilli I, Chiari G, Volta E, Vitale M, Vanelli M; Residents of the Post-Graduate School of Paediatrics. Sedentary lifestyle in active children admitted to a summer sport school. *Acta Biomed*. 2009 Aug; 80(2):107-16.
14. Fletcher J. Social Interactions in Adolescent Television Viewing. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2006 Apr; 160(4):383-6.
15. Hardy LL, Baur LA, Garnett SP, Crawford D, Campbell KJ, Shrewsbury VA, Cowell CT, Salmon J. Family and home correlates of television viewing in 12-13 year old adolescents: the Nepean Study. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2006 Sep; 10(3):24.
16. Henry CJ, Lightowler HJ, Al-Hourani HM.

Physical activity and levels of inactivity in adolescent females ages 11-16 years in the United Arab Emirates. *Am J Hum Biol.* 2004 May-Jun; 16(3):346-53.

17. Hernández, B; Gortmaker, S L; Colditz, G A; Peterson, K E; Laird, N M; Parra-Cabrera, S. Association of obesity with physical activity, television programs and other forms of video viewing among children in Mexico City. *Int J Obes Relat Metab Disord.* 1999 Aug; 23(8):845-54.

18. Jago R, Baranowski T, Baranowski JC, Thompson D, Greaves KABMI from 3–6 y of age is predicted by TV viewing and physical activity, not diet. *Int. J. Obes.* 2005; 29 (6):557-64.

19. Maddah M, Nikooyeh B. Obesity among Iranian adolescent girls: location of residence and parental obesity. *J Health Popul Nutr.* 2010 Feb; 28(1):61-6.

20. Mendonça CP, Anjos LA. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. *Cad Saude Publica.* 2004; 20(3):698-709.

21. Nunes MMA, Figueiroa JN, Alves JGB. Excesso de peso, atividade física e hábitos alimentares entre adolescentes de diferentes classes econômicas em Campina Grande (PB). *Rev. Assoc. Med. Bras.* 2007 Mar-Apr; 53(2):130-4.

22. SEF (Secretaria de Educação Fundamental) Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Educação Física. 3ª ed. Brasília: Ministério da educação, SEF. 2001.

23. Sichieri R, Souza RA. Estratégias para prevenção da obesidade em crianças e adolescentes. *Cad Saude Publica.* 2008; 24(2):209-34.

24. UNESCO. Institute for Statistics: UNESCO Statistical Yearbook 1999 – Culture and Communication Statistics. Montreal 1999.

25. Vioque J, Torres A, Quiles J. Time spent watching television, sleep duration and obesity in adults living in Valencia, Spain. *Int J Obes Relat Metab Disord.* 2000 Dec; 24(12):1683-8.

# **Artigo: Evasão Escolar na Educação de Jovens e Adultos: O Caso de uma Escola de Niterói / RJ**

## **Resumo**

Este artigo se debruça sobre a evasão escolar de uma turma de Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Coronel Moreira César, em Niterói/RJ. O objetivo principal deste texto é investigar por que os alunos entram e abandonam a escola. Primeiramente, definiu-se sobre o que é evasão. Num segundo momento, buscou-se investigar quais os motivos que levam os alunos de Educação de Jovens e Adultos - EJA a entrar e a abandonar a escola. E, por fim, o texto traz o relato de três alunas da escola pesquisada, para entender que fatores internos e externos da escola contribuem para a evasão.

Palavras-chave: evasão; educação de jovens e adultos; aluno.

## **Introdução**

A escolha do tema deste artigo deu-se a

partir de uma inquietação de compreender por que um aluno da Educação de Jovens e Adultos se matricula na escola e depois abandona. Essa inquietação nasceu de uma experiência que aconteceu comigo durante o Estágio Curricular Supervisionado II (Educação de Jovens e Adultos).

Durante o referido estágio, conheci a aluna M.S., casada, mãe de três filhos que me contou um pouco da história de vida dela. Disse que quando era criança a família morava num sítio na zona rural do município de Santa Maria Madalena, Estado do Rio de Janeiro. A única escola da região era longe, cerca de uma hora e meio de caminhada, e não havia transporte escolar. O pai dizia que somente os homens da casa precisavam estudar porque as mulheres iriam casar, cuidar dos filhos e da casa e não tinham a menor necessidade de aprender a ler e

a escrever. Portanto, tanto ela, quanto a mãe e as irmãs eram analfabetas.

Ela não compreendia as letras. Escrever o próprio nome era como fazer um desenho. M.S. relatou-me diversas ocasiões em que a leitura e a escrita faziam falta no dia-a-dia da vida dela, desde pegar um ônibus, quanto uma ida ao supermercado. A angústia de ser analfabeta aumentou quando os filhos começaram a freqüentar a escola e ela não conseguia ajudá-los nas tarefas escolares. Foi nesse momento que ela sentiu que precisava, a qualquer custo, aprender a ler e a escrever.

A patroa a incentivou muito e procurou uma escola em que fosse viável para M.S. iniciar seus estudos sendo ela já adulta. Mas ela contou-me que não sabia se iria conseguir frequentar o curso de alfabetização noturno, pois era muito difícil deixar os filhos sozinhos em casa, a rotina trabalho-escola-afazeres domésticos era muito cansativa e não podia contar com a ajuda do marido porque, além de não ajudar muito nas despesas da casa, era alcoólatra e não estava concordando com sua decisão de frequentar uma escola noturna para aprender a ler e a escrever.

Desse modo, esse trabalho visa analisar a evasão escolar em uma turma de Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Coronel Moreira Cesar, no município de Niterói. Esta análise é importante para poder entender os motivos que levam o aluno a evadir-se da escola e buscar ferramentas para reverter essa situação.

#### 1. O que é evasão escolar?

O tema evasão escolar é um assunto muito discutido, tanto em casa, quanto nas escolas e na mídia. A preocupação da família para que seus filhos terminem os estudos e “se tornem alguém na vida” é um problema real. Para os pais, é importante que os filhos consigam estudar mais tempo que eles, para conquistar um futuro melhor.

Vários autores já dissertaram sobre a evasão escolar. Muitos deles tratam a evasão escolar como fracasso escolar e reprovação. Mas, afinal de contas, o que é evasão escolar?

A palavra “evasão” é explicada, no Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (2010),

como ato de evadir-se, de escapar, de desaparecer; fuga; saída.

A Mestre em Educação Roseli Scuiniani da Rosa, em sua tese de mestrado “Matemática, Evasão Escolar e Educação de Jovens e Adultos: que relação é essa?”, diz que:

A palavra “evasão” possui vários sinônimos, dos quais se destacam: uma maneira de se desviar, de escapar, de fugir ou até mesmo de desaparecer de certas circunstâncias ou mesmo de certos compromissos. Estes sinônimos acabam se tornando adequados quando se trata sobre a educação escolar, entendida como o afastamento de alguém por algum motivo, conhecido por evasão escolar (...). (ROSA, 2010, p.30).

Ratificando e complementando seu pensamento, a autora ainda destaca uma citação de Riffel:

Por evasão, no sentido mais simplista do termo, compreende-se o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade. (RIFFEL, 2009, p. 1, APUD; ROSA, 2010, p.30).

A autora Maria Helena Souza Patto, no seu livro “A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia”, define assim reprovação e evasão escolar:

A reprovação e a evasão escolar são: um fracasso produzido no dia-a-dia, da vida na escola e na produção deste fracasso estão envolvidos aspectos estruturais e funcionais do sistema educacional, concepções de ensino e de trabalho e preconceitos e estereótipos sobre a sua clientela mais pobre. Estes preconceitos, no entanto, longe de serem uma característica apenas dos educadores que se encontram nas escolas, estão disseminados na literatura educacional há muitas décadas, enquanto discurso ideológico, ao se pretender neutro e objetivo, participa de forma decisiva na produção das dificuldades de escolarização das crianças das classes populares. (PATTO, 2000, p.59).

Pensar evasão escolar é se reportar para os estudos realizados por Paulo Freire. Ao falar sobre EVASÃO ESCOLAR, o educador salienta que: A luta hoje tão atual contra os alarmantes índices

de reprovação que gera a expulsão de escandaloso número de crianças de nossas escolas, fenômeno que a ingenuidade ou a malícia de muitos educadores e educadoras chama de evasão escolar, dentro do capítulo do não menos ingênuo ou malicioso conceito de fracasso escolar. No fundo, esses conceitos todos são expressões da ideologia dominante que leva as instâncias de poder, antes mesmo de certificarse das verdadeiras causas do chamado “fracasso escolar”, a imputar a culpa aos educandos.

Para mim, o problema não é evasão, é expulsão. As escolas expulsam muito mais do que dela se evadem os alunos. Esse é um problema que tem de ser discutido, criticado, analisado. Em um determinado momento o adolescente descobre – e descobre sofredamente – que a escola não bate com as dúvidas dele, que a escola não corresponde às suas ansiedades. E, tanto quanto ele possa, o adolescente deixa a escola. No fundo a escola não se tornou capaz de evitar que o adolescente não encontrasse nada, nenhum sentido nela. (FREIRE, 1996, p.125).

Penso que a evasão escolar não é uma estatística que define a diferença entre quantos alunos são matriculados e de quantos conseguem chegar ao fim do ano, não se trata de um percentual. Também não se trata apenas do aluno que abandona a escola. Acredito que evasão escolar é a perda do aluno na escola devido a problemas ocorridos no contexto em que ele vive, baseada em inúmeros fatores internos e externos, tais como: fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e psicológicos que culminam no abandono da escola.

Creio que deve haver uma interação entre o aluno, o professor e a escola para que se possa identificar o que está motivando a evasão, procurar contextualizar o conteúdo programático com as vivências do aluno, para que ele veja sentido no que ele está estudando e a escola deve suprir as carências desse aluno. É preciso investigar como se pode ajudar o aluno tanto na compreensão dos conteúdos quanto na permanência dele até a conclusão dos estudos.

A evasão escolar é um problema reconhecidamente recorrente (LÜCHER, 2011) e mesmo com uma aparente melhoria, ainda há

muito que se fazer para reduzirmos esse índice ao nível zero. Pensar em evasão zero parece uma utopia, mas não é. É claro que não se pode chegar a esse resultado da noite para o dia, mas quando há determinação, tudo é possível.

É preciso uma união dos governantes, da escola, dos profissionais de educação, da família e da comunidade para que, juntos, reflitam sobre o currículo, o plano político pedagógico da escola, a formação continuada dos professores, as práticas docentes, envolvimento do aluno e da família com a escola, estratégias que contribuam para o desenvolvimento cognitivo do aluno, enfim, para tornar o ensino numa prática prazerosa, tanto para o professor quanto para o aluno.

Portanto, é preciso que haja uma compreensão do aluno como um indivíduo singular, que possui habilidades, talentos e inteligências próprias e específicas, que trazem consigo um conhecimento de suas vivências e que necessitam ser acessadas, respeitadas e desenvolvidas em sala de aula.

## **2. Motivos que levam um aluno de Educação de Jovens e Adultos - EJA a entrar e abandonar a escola**

Uma pesquisa realizada em 2009, pela Coordenação de Jovens e Adultos da Fundação Municipal de Educação de Niterói, publicada no “Referencial Curricular 2010 – Rede Municipal de Ensino de Niterói – Uma Construção Coletiva”, traz um diagnóstico de alunos e alunas de Educação de Jovens e Adultos - EJA. A pesquisa realizada em quinze escolas da rede municipal contou com a participação de 996 alunos, (633 mulheres e 363 homens) dos 1662 alunos matriculados em Educação de Jovens e Adultos - EJA naquele ano. Analisando os dados coletados, observou-se que 27% dos alunos procuraram a sala de aula em Educação de Jovens e Adultos - EJA objetivando conseguir um emprego melhor, 19% pretendem cursar uma faculdade, 15% querem conquistar um diploma do ensino médio, 13% querem concluir os estudos por exigência do trabalho, 10% para aprender a ler e escrever, 8% para tentar passar num concurso público, 7% para fazer um

curso técnico, 1% por outros motivos.

Nesta mesma pesquisa, verificou-se que 37% dos alunos já abandonaram a escola de Educação de Jovens e Adultos - EJA por causa do trabalho, 14% por causa dos filhos, 12% porque tinham dificuldade em aprender, 8% por motivo de mudança de endereço, 6% para tratar de doença, 4% por problemas com a escola e/ou com professores, 3% por causa da repetência e 16% por outros motivos.

Pode-se perceber analisando esta pesquisa que os alunos de Educação de Jovens e Adultos - EJA têm muito interesse e vontade de concluir os estudos em busca de um futuro melhor, mas muitos fatores contribuem para ele desanimar e abandonar a escola.

Inúmeros estudos têm considerado que aspectos sociais como: a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego, dificuldades de aprendizado, a desnutrição e a escola são determinantes para a evasão escolar. Mas nenhum desses aspectos exige a responsabilidade da escola no processo de exclusão dos alunos do sistema de ensino.

O autor Waldeck Carneiro, retrata muito bem a situação dos jovens e adultos e por que eles procuram a escola. Ele assinala o fracasso escolar como um dos motivos da evasão escolar.

O fracasso escolar, fenômeno ainda marcante na escola pública brasileira, vem produzindo, há décadas, uma multidão de jovens e adultos pouco escolarizados, muitos em precárias condições, no que tange à apropriação da leitura e da escrita. Parte desses sujeitos, anos ou décadas depois de vivenciarem o fracasso escolar, motivados por questões de natureza profissional, social ou moral, decide retornar aos bancos escolares, para retornar as etapas de escolarização que não puderam ser cumpridas na idade própria. Assim, além dos analfabetos, ou seja, daqueles que não tiveram, enquanto crianças, a possibilidade de experimentar a vida escolar, a Educação de Jovens e Adultos abrange o trabalho com cidadãos que, no passado, encontraram muitas dificuldades para contornar a seletividade da escola pública burguesa e dela foram expulsos precocemente. (CARNEIRO, 2009, p.93).

Rosa destaca os motivos que levaram os alunos a retornar aos estudos:

(...) a necessidade de retornar à escola e retomar os estudos, principalmente os de matemática, em razão da atividade profissional ou da busca por emprego, a importância do cotidiano, das experiências, das lembranças dos alunos nas aulas de matemática para, quem sabe, se tornarem mais atrativas e menos cansativas; a busca pelo sucesso em matemática e o direito adquirido de ser aluno, com vontades e necessidades próprias de aprendizagem. (ROSA, 2010, p.37)

E como principais causas que levam os alunos a desistir do ambiente escolar a autora menciona:

(...) a falta de afetividade entre professor e aluno, ocasionando um distanciamento entre ambos; a baixa autoestima relacionada ao fracasso escolar; os sentimentos envolvidos nesse processo de fracasso; o próprio fracasso escolar em relação ao saber; o fracasso, que induz muitas vezes à repetência e à evasão; os impactos da exclusão dos alunos da escola por causa da matemática; as emoções negativas advindas do fracasso em matemática. (ROSA, 2010, p.37)

O aluno de Educação de Jovens e Adultos - EJA abandona a escola devido a fatores internos e externos da escola. Fatores internos estão relacionados à falta de estrutura da escola, a repetência, a linguagem infantil que é usada em sala de aula, falta de interesse no conteúdo das aulas, a falta de preparo do professor para lidar com o público da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Já dentre os fatores externos temos: o trabalho, o cansaço físico, a gravidez, as drogas, as doenças, as desigualdades sociais, morar ou estudar em áreas de risco, alistamento militar, dificuldades financeiras, casamento e filhos.

### **3. Relato dos alunos da Escola Municipal Coronel Moreira Cesar**

O texto traz neste momento, o relato de três alunas de Educação de Jovens e Adultos - EJA que estudam na Escola Municipal Coronel Moreira César, que já evadiram e retornaram a sala de aula para tentar concluir seus estudos.

A aluna A.C. relatou-me que nunca estudou quando criança, pois os pais não achavam que ir para a escola era importante. Ela morava em Miracema/MG e só se alfabetizou aos 15 anos quando já morava em Niterói/RJ e trabalhava numa casa de família.

Hoje, ela tem 30 anos, é separada e retornou à escola, pois não consegue ajudar o filho de 8 anos a fazer os deveres de casa. Pretende seguir os estudos e fazer faculdade junto com o filho.

Esta história contada pela aluna A.C. se repete na Educação de Jovens e Adultos - EJA, pois um dos principais motivos que levam o aluno de Educação de Jovens e Adultos - EJA a entrar na escola é aprender a ler e a escrever, pois, por diversos motivos, não conseguiram estudar na idade adequada. O aluno de EJA busca decifrar as letras e os números para poder pegar um ônibus sem pedir ajuda; ler uma carta de um ente querido; saber as notícias de um jornal; ler uma receita; conseguir ler os rótulos de remédios para não se confundir na hora de tomá-los; ler as embalagens de alimentos no supermercado; entender um manual de instruções, enfim, poder fazer tarefas simples de todos os dias.

Outro motivo é a busca de conhecimentos básicos, pois muitos não conseguem ajudar os filhos nos deveres de casa e se sentem muito frustrados e ignorantes. Então, o aluno de Educação de Jovens e Adultos - EJA busca a escola querendo adquirir os mesmos conhecimentos que seus filhos estão tendo na escola regular, a fim de poder ajudá-los em casa.

O segundo relato é da aluna F.L. que tem 35 anos, é casada, tem uma filha de 6 anos e estudou, quando criança, até a 4ª série do Ensino Fundamental em Croatá/CE. Parou estudar para ajudar os pais na roça. Aos 15 anos veio para a cidade do Rio de Janeiro para ser babá numa casa de família. Tentou retornar aos estudos assim que chegou, mas foi difícil encontrar vaga nas escolas.

Esta é a terceira vez que a aluna L.F. tenta concluir seus estudos em classes de Educação de Jovens e Adultos - EJA. Tem muita vontade de terminar os estudos para concluir o Ensino Médio

visando “conseguir um emprego melhor, que pague mais e seja menos cansativo”. Ela diz também que precisa do diploma para poder crescer na empresa onde trabalha.

Essa história se repete na EJA, pois o aluno busca a escola, também, para poder terminar os estudos e ter um diploma. Esse diploma é muito importante para ele poder conseguir um trabalho, crescer dentro empresa em que trabalha, poder fazer um concurso público, procurar um emprego em outra área que pague melhor e que não exija tanto trabalho braçal, fazer cursos profissionalizantes e até mesmo poder ingressar em uma faculdade.

O trabalho é uma das principais causas da evasão escolar em Educação de Jovens e Adultos - EJA. O aluno geralmente acorda muito cedo, trabalha o dia inteiro e se sente desmotivado pelo cansaço para enfrentar mais longas quatro horas em sala de aula. Muitas vezes o acesso à escola e a segurança ao redor são precários. Outro fator que contribui para que o aluno não frequente as aulas são os horários incompatíveis com suas outras responsabilidades.

O último relato é de M.G. que tem 32 anos, é casada e tem 3 filhos. Relatou-me que morava na zona rural de Itaperuna/RJ e cursou somente até a 4ª série e depois largou a escola para trabalhar na roça ajudando os pais.

M.G. retornou este ano à escola para tentar concluir os estudos e pretende completar, pelo menos, o Ensino Médio para poder fazer um curso profissionalizante e fazer concurso público.

A história de M.G. é mais uma que também se sucede novamente na Educação de Jovens e Adultos, pois o aluno também abandona a escola para tratamento de saúde e/ou para cuidar de um parente. Muitas vezes a evasão é causada para tratar um problema da própria saúde, um acidente de trabalho ou cuidar de algum parente próximo, como os pais, filhos e companheiros.

A partir das minhas observações no Estágio Curricular Supervisionado II (Educação de Jovens e Adultos) e durante a coleta dos relatos das três alunas da Escola Municipal Coronel Moreira César, apresentados neste artigo, pude perceber que o aluno de Educação de Jovens e

Adultos - EJA também evade a escola por falta de interesse nas aulas. O aluno perde a motivação de freqüentá-las ao perceber que está ali apenas para memorizar conteúdos que não lhe fazem o menor sentido prático para seu cotidiano.

Uma forma de ajudar o aluno de Educação de Jovens e Adultos - EJA é contextualizar os conteúdos programáticos com a realidade do aluno. O aluno de Educação de Jovens e Adultos - EJA precisa ver que o que ele está aprendendo faz sentido para sua vida. É preciso associar os temas do cotidiano às disciplinas que estão sendo ensinadas em sala de aula. Desta forma o ensino se torna mais fácil e prazeroso. Um exemplo prático seria o uso de folhetos de supermercados e receitas nas aulas de Matemática, pois todos os alunos de Educação de Jovens e Adultos - EJA fazem compras e preparam comida para sua família.

O currículo também precisa se adaptar ao aluno de EJA. A apresentação dos conteúdos programáticos de forma "excessivamente tecnicista e disciplinarista" (OLIVEIRA, 2003, p.86) dificulta o diálogo entre o professor e o aluno. O aluno de Educação de Jovens e Adultos traz consigo muitos saberes e experiências vividas. O desenvolvimento do trabalho pedagógico a partir das histórias de vida, dos interesses e dos saberes que os alunos trazem para a sala de aula é importantíssimo para que se possa introduzir os conteúdos de forma mais específica.

#### 4. Considerações Finais

Diante de tudo o que foi dito neste artigo sobre evasão escolar, entendeu-se que evasão é um ato do aluno de escapar, fugir, evadir-se, afastar-se da escola, devido a problemas ocorridos no contexto em que ele vive, motivado por inúmeros fatores internos e externos que contribuem para a não permanência desse aluno no espaço escolar. Conclui-se, ainda, que não existe apenas um culpado e sim um conjunto de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que culminam no abandono escolar.

E mesmo diante de tantos motivos para voltar a estudar, o aluno de EJA da Escola Municipal Coronel Moreira César se depara com

inúmeros entraves que contribuem com que ele abandone a escola.

Constatou-se que os alunos de Educação de Jovens e Adultos - EJA "chegam ou retornam à escola, com receio e constrangimento, mas também com muita esperança" (CARNEIRO, 2009, p. 94) e é preciso que a escola esteja preparada para receber bem este aluno.

É preciso que o governo, principalmente do Município de Niterói, implemente políticas públicas e programas voltados à educação que possibilitem habilitar o professor a trabalhar com o público jovem e adulto, como a formação continuada. O professor deve perceber que é necessário realizar um trabalho diferenciado do aluno que frequenta a escola na idade escolar, visto que, o aluno possui particularidades, experiências e vivências muito distintas de uma criança, que são de grande valia quando trazidas para a sala de aula. Zaccur (2009, p. 140) defende "que a arte de ensinar, sobretudo em se tratando de EJA, precisa levar em conta a oralidade, os fazeres e os saberes da vida cotidiana" e sugere que os professores se utilizem do caderno de registros e experimentem "ouvir e registrar o que os educandos têm a dizer". O autor ainda complementa este assunto dizendo que "quem trabalha com EJA precisa refinar uma escuta mais atenta e um olhar mais sensível para descobrir saberes dos educandos e usá-los a favor de novas informações" (ZACCUR, 2009, p.146).

Carneiro enfatiza que deve haver uma formação pedagógica na preparação de professores para trabalhar com jovens e adultos: (...) o ato de educar jovens e adultos, que buscam cumprir etapas de sua escolarização com idade superior à faixa etária própria e que, em geral, ocupam um lugar social economicamente desfavorecido, exige dos educadores um tratamento pedagógico que não pode ser o mesmo daquele adotado com crianças e adolescentes. Ademais, o contexto sócio-cultural do jovem e do adulto, inclusive a problematização de seu percurso escolar, como parte da discussão sobre a desigualdade social no Brasil, merece ocupar um lugar de destaque na politização de seu processo de formação. (CARNEIRO, 2009, p.93)

Assim, pode-se concluir que, o tema evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos é um tema complexo que está em constante construção. O objetivo maior da educação deveria ser a equidade, a democratização do ensino e o sucesso escolar, mas não é isso que vemos no cotidiano escolar. É indispensável que o professor olhe para o aluno de EJA, investigue o conhecimento prévio e valorize suas vivências para, então, dar início ao processo de ensino-aprendizagem, considerando, também, a afetividade, atenção e interação com o aluno. É indispensável que o governo, principalmente do Município de Niterói, faça investimentos em políticas públicas, como a formação continuada, visando a capacitação dos professores, não só da Escola Municipal Coronel Moreira César como de toda a rede de ensino, para que os mesmos percebam que a Educação de Jovens e Adultos não é apenas uma segunda oportunidade de estudo do aluno, mas uma nova maneira de olhar estes jovens e adultos.

### Referências Bibliográficas:

ARROYO, Miguel G. da. Escola coerente à Escola possível. 6ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003 (Coleção Popular nº 8).

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. Causas e Conseqüências da Evasão Escolar no Ensino de Jovens e Adultos na Escola Municipal "Espedito Alves" – Angicos/RN Disponível em: [http://webserver.falnatal.com.br/revista\\_nova/a4\\_v2/artigo\\_13.pdf](http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a4_v2/artigo_13.pdf). Acesso em: 08 mai. 2012.

BRASIL. Caderno de EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA – Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – Alunos e Alunas da EJA. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_caderno1.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf). Acesso em: 15 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2125&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2125&id_pagina=1). Acesso em: 20 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm). Acesso em: 09 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 4.834/2003. Disponível em: <http://forumeja.org.br/node/128>. Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6.093/2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6093.htm#art18](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6093.htm#art18). Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 5.379/79. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5379-15-dezembro-1967-359071-normaatualizada-pl.html>. Acesso em: 09 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei de diretrizes e bases da educação nacional, Lei Federal nº 9.394/96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 11.129/05. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm). Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 11.692/08. Disponível em: <http://www.projovem.gov.br/docs/pjurbano/leipjurbano.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Parecer 05/1997, do Conselho Nacional de Educação. Disponível em: [http://www.mpes.gov.br/anexos/centros\\_apoio/arquivos/19\\_2073116182482006\\_Parecer%200597\\_Integra.doc.pdf](http://www.mpes.gov.br/anexos/centros_apoio/arquivos/19_2073116182482006_Parecer%200597_Integra.doc.pdf). Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Parecer 12/1997, do Conselho Nacional de Educação. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes\\_p0337-0346\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p0337-0346_c.pdf). Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Parecer 11/1999, do Conselho Nacional de Educação. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes\\_p0519-0532\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p0519-0532_c.pdf). Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/pro\\_eja\\_parecer11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/pro_eja_parecer11_2000.pdf). Acesso em: 10 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Programa Brasil Alfabetizado. Disponível

- em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12280&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12280&option=com_content&view=article). Acesso em: 10 mai. 2012.
- \_\_\_\_\_. Projeto: Educação Profissional no Brasil e Evasão Escolar. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/c/journal/view\\_article\\_content?groupId=55306&articleId=55688&version=1.0](http://portal.inep.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=55306&articleId=55688&version=1.0) Acesso em: 20 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. Resolução CNE/CEB nº1, de 5 de julho de 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2012.
- CARNEIRO, Waldeck. Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos: Elementos para uma reflexão sócio-política. In: MEDEIROS, C.; YAMASAKI, A.; GASPARELLO, A.; SILVA, Y. (Org.) Educação de Jovens e Adultos na diversidade: política e prática pedagógica. Niterói: Intertexto, 2009.
- DIAS, Rosa Maria. Nietzsche educador. São Paulo: Scipione, 1991.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. Política e educação: ensaios. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.
- LÜCHER, Ana Zuleima. Política educacional no Brasil: educação técnica e abandono escolar. Disponível em: [http://www2.capes.gov.br/rbpg/images/stories/downloads/RBPG/Vol.8\\_suplemento/capitulo5.pdf](http://www2.capes.gov.br/rbpg/images/stories/downloads/RBPG/Vol.8_suplemento/capitulo5.pdf). Acesso em: 05 out. 2012.
- NITERÓI, Fundação Municipal de Educação de Niterói/Secretaria Municipal de Educação de Niterói (2010), Referencial Curricular 2010 – Rede Municipal de Ensino de Niterói – Uma Construção Coletiva.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/files/Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Curricular%20-20In%C3%AAs%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2012.
- PAIVA, Vanilda. História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- RIFFEL, Sonia Marmol. Evasão escolar no ensino médio: o caso do colégio estadual Santo Agostinho no município de Palotina-PR. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1996-8.pdf?PHPSESSID=2010022609222258>. Acesso em: 18 jun. 2012.
- ROSA, Roseli Scuinsani da. Matemática, Evasão Escolar e Educação de Jovens e Adultos: Que Relação é Essa?. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=193482](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select_action=&co_obra=193482) Acesso em: 18 jun. 2012.
- RUMMERT, Sonia Maria. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo0203.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2012.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Educação. Proposta Curricular (Educação de Jovens e Adultos). Disponível em: [www.sed.sc.gov.br/secretaria/documentos/413-proposta-curricular-educacao-de-jovens-e-adultos](http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/documentos/413-proposta-curricular-educacao-de-jovens-e-adultos). Acesso em: 21 jun. 2012.
- TRINDADE, Maria Felisberta Baptista da. Os Sujeitos da EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA em sua Identidade e Diversidade.. In: MEDEIROS, C.; YAMASAKI, A.; GASPARELLO, A.; SILVA, Y. (Org.) Educação de Jovens e Adultos na diversidade: política e prática pedagógica. Niterói: Intertexto, 2009.
- VENTURA, Jaqueline. A trajetória histórica da educação de jovens e adultos trabalhadores. In: Tiriba, L.; Ciavatta, M. (Orgs.). Trabalho e educação de jovens e adultos. Brasília: Líber Livro e Editora UFF, 2011. p.57-97.
- ZACCUR, Edwiges. Alfabetizar e Alfabetizar-se: o Enigma do ABC. In: MEDEIROS, C.; YAMASAKI, A.; GASPARELLO, A.; SILVA, Y. (Org.) Educação de Jovens e Adultos na diversidade: política e prática pedagógica. Niterói: Intertexto, 2009.

\* Texto publicado sem revisão ortográfica.

## **Opinion Paper:** A Educação a Distância: um desafio na educação brasileira

A educação sempre foi um assunto desafiador no Brasil. Atender com qualidade a todos que dela necessitam parece uma utopia para muitos estudiosos. De acordo com IBGE, o Brasil é o quinto maior país do mundo em extensão territorial, ocupando uma área de 8.547.403 km<sup>2</sup> no planeta, ficando atrás somente de Estados Unidos, China, Canadá e Rússia. Sabemos que, historicamente, nosso país desenvolveu uma cultura que não prioriza a educação. Durante anos, o conhecimento era privilégio da elite e até hoje se luta para alterar este quadro. Então, podemos questionar: como alcançar um padrão de qualidade educacional num país com tantas diferenças regionais, econômicas, sociais e culturais?

Com uma população acima de 180 milhões e espaços regionais assimétricos, a educação a distância é uma forma de

democratizar o acesso ao ensino, seja ele Técnico ou Superior. Tendo em vista ser a maioria do público que se interessa por essa modalidade de ensino caracterizada por pessoas com padrões financeiros insuficientes para bancar as despesas de uma graduação, ou moradores de áreas que não possuem universidades nas proximidades, ou pessoas que já trabalham e não dispõem de tempo para frequentar diariamente um curso presencial, percebe-se que a EAD se adapta à realidade de uma grande parcela da população brasileira. Garcia Llamas define educação a distância como “uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem, sem limitação de lugar, tempo, ocupação ou idade dos alunos. Implica novos papéis para os alunos e para os professores, novas atitudes e novos enfoques metodológicos” (Apud LANDIM, 1997, p. 29). A EAD, assim, possibilita a

autoaprendizagem e altera as fronteiras entre espaço, tempo e circunstâncias, sendo um ambiente flexível e aberto.

Sabe-se que as desigualdades socioeconômicas no Brasil geram, dentre tantas mazelas, a impossibilidade de distribuição igualitária de conhecimento. A EAD, além de democratizar essa oferta, respeita o ritmo de cada aluno que pode direcionar seus estudos de maneira particular. Para além do que já foi dito, a educação a distância é uma aliada do desenvolvimento do país, já que os profissionais que antes estavam no mercado de trabalho sem acesso ao ensino superior têm, agora, possibilidade de alcançar a qualificação necessária às exigências do mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e seletivo.

Todavia, para algumas pessoas, a modalidade a distância gera preconceitos, devido à falta de infraestrutura e de instrução dos alunos, e, ainda, a dependência das tecnologias. Contribui para isso a existência de algumas instituições que oferecem cursos considerados de baixa qualidade. Essa característica, porém, não se restringe ao ensino a distância, como acreditam certas pessoas: a falta de qualidade de ensino no Brasil é um desafio que abrange todos os níveis de educação, presenciais ou não.

Em meio ao mundo tecnológico em que vivemos (e as expectativas são cada vez maiores de crescimento nessa área), a Educação a Distância torna-se uma ferramenta essencial na busca de uma educação acessível. Com o crescimento das mídias, principalmente a Internet, os meios de obtenção do conhecimento ultrapassam os limites da sala de aula e da relação aluno-professor. Portanto, repensar o currículo e a distribuição do saber no território brasileiro é, atualmente, uma maneira de refletir sobre a (re)construção de uma sociedade consciente da importância da educação.

### **Referências Bibliográficas**

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> . Acesso em 2 de set de 2012, às 21:53h.

LANDIM, C. M. F. Educação a distância: algumas considerações. Rio de Janeiro. 1997.

NEVES, Carmem Moreira de. Referenciais de qualidade para cursos a distância. Brasília, 02 de abril de 2003.

PRETI, Oreste. Apoio à aprendizagem: o orientador acadêmico. In: Integração das tecnologias na educação: salto para o futuro. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

## **Sérgio Luiz Rosendo**

Egresso da primeira turma do polo de Niterói do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO.

# **Relato de Experiência: Sérgio Luiz Rosendo**

Meu nome é Sérgio Luiz Rosendo, tenho 52 anos, e, em 2008, ingressei na UNIRIO, no curso de Pedagogia 1º turma do polo de Niterói, tendo colado grau no mês de março de 2012.

Apesar das dificuldades naturais de um curso de qualidade como este, pude completá-lo com certa tranquilidade, conseguida com o apoio e a união dos colegas e a organização do meu tempo para estudos. Muitos desistiram ou tiveram que, por vezes, trancar período; mas isto é normal em qualquer graduação.

A escolha do curso, não posso negar, muito se deveu ao fato de ser ele o único em instituição pública e a distância, com polo na cidade. Digo isto porque já me havia anteriormente matriculado na UFRJ na mesma graduação, mas em curso regular, e tive de trancá-lo devido à falta de tempo para cumprir a grade oferecida. É importante salientar que o

nome da instituição UNIRIO também me seduziu, haja vista a admiração que os alunos da UFRJ mostravam por nossa universidade.

A EAD, na verdade, não é mais uma modalidade de ensino; ela é reflexo de recursos e de dinamicidade explorados em todos os cursos regulares ou a distância. Observe-se que, apesar de a faixa etária dos alunos atualmente ser alta, ela tenderá a baixar, à medida que os resultados positivos forem aparecendo. Aqueles que não dispõem de tempo para frequentar salas de aula procurarão na EAD possibilidade de estudos, mas, percebendo a qualidade dos cursos, outros, mesmo não tendo problemas de horário, migrarão para um ensino que lhes possibilite administrar seu tempo de acordo com seus interesses.

O respeito pela modalidade vem crescendo e, em momento algum, percebi

qualquer distinção entre a modalidade presencial e a distância. Vale ressaltar que em qualquer curso a performance do discente é fundamental para a sua formação, sendo o grande diferencial a ser utilizado. Se encontrarem muitas dificuldades no início, continuem, pois é como uma bola rolando ladeira abaixo: à medida que vai rolando, vai embalando. E como diz Cazusa, "O tempo não para..."; realmente ele passa muito rápido. Por isso curtam o mais que puderem seus colegas e momentos e acreditem: no ensino a distância não há isolamento, muito pelo contrário, o que existe é muita solidariedade e amizade.

Abraços!

Sérgio.

## Entrevista: Prof<sup>a</sup> Leila Lopes

A Professora Leila Lopes é formada em Pedagogia pela UFRJ, Mestre em Educação a Distância pela UFF e está fazendo doutorado na UFRJ. Atualmente é Coordenadora do Curso de Pedagogia na modalidade de educação a distância da UNIRIO.

**REVISTA:** Professora, o que é a Educação a Distância?

**PROFESSORA LEILA:** Olha, essa pergunta dá um compêndio, né? Mas, no mundo de hoje, o que eu vejo da Educação a Distância é mais ou menos isso que eu falei: é uma modalidade de educação que permite que a gente leve educação de qualidade nas várias áreas. Nós estamos aqui tratando do ensino superior, tratando especificamente da formação de professores. Que a gente possa interiorizar, sobretudo num país

tão grande como é o Brasil, com um interior tão grande. A gente consegue levar educação (que de modo geral é praticada nas grandes capitais, nas grandes cidades, nas capitais) para o interior, com a mesma qualidade com que ela é trabalhada nessas cidades, o que acaba fazendo com que os alunos tenham oportunidade de uma educação pública, de qualidade, com a densidade que a gente precisa para nosso grande país.

**REVISTA:** No livro “Cartas a Cristina”, de Paulo Freire, ele fala isso, né, ele pensava isso já na década de '60: a universidade teria o dever de levar para as cidades (onde não houvesse uma universidade, através de um consócio entre município e estado) esse tipo de educação. É um sonho realizado.

**PROFESSORA LEILA:** Sim, é um sonho que começa a ser realizado, porque a gente precisa aprender muito ainda sobre a Educação a Distância. Como fazer a Educação a Distância. Hoje, a gente faz na Educação a Distância uma adaptação do que a gente faz no ensino presencial. A gente precisa caminhar muito mais para ter mais firmeza, para ter mais segurança no que a gente tá fazendo. Eu não vejo como interiorizar a universidade, com a intensidade que a gente precisa, sem utilizar recursos da Educação a Distância para isso. Não digo exclusivamente, mas ela tem a sua grande contribuição nesse sentido.

**REVISTA:** O Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO é na modalidade semipresencial. Qual é a diferença entre Educação a Distância e educação semipresencial?

**PROFESSORA LEILA:** Bom, a Educação a Distância é um conceito já antigo no mundo, ele não é novo. Mesmo no Brasil, no início do século XX, se fazia Educação a Distância. O que caracteriza hoje a Educação a Distância, principalmente, é que ela é sempre uma educação mediada. No ensino presencial aluno e professor estão sempre frente a frente, face a face, não existe nada entre eles. O que caracteriza a Educação a Distância é sempre uma mediação.

Hoje tecnológica. Nós temos o computador, os recursos das novas tecnologias, e das não tão novas, das tecnologias de informação e comunicação, telefone, fax, enfim; hoje a gente tem uma porção de recursos a serem usados. Então, esses recursos dão mais agilidade à Educação a Distância que nós.

**REVISTA:** Professora, qual é a diferença entre a Educação a Distância e o ensino semipresencial?

**PROFESSORA LEILA:** Bom, é bom retomar um pouco o conceito de Educação a Distância. Ela é um tipo de educação que é sempre mediada. A gente pode até estar próximo, né, mas a gente não estaria diretamente conversando como no ensino presencial, professor e aluno face a face.

A Educação a Distância tem sempre essa

intermediação de alguma mídia, né, no caso o computador, ou livro mesmo, telefone, fax, enfim, o equipamento que a gente tiver disponível para esse trabalho.

Quando você fala em Educação a Distância, a rigor significa que professor e aluno não estão juntos. A Educação a Distância foi usada por muito tempo, por exemplo, para trabalhar no sistema prisional, com pessoas hospitalizadas; elas teriam acesso à Educação a Distância; ou pessoas que estivessem no interior do país, por exemplo, que não tivessem como se locomover para os grandes centros.

Convencionou-se que, no Brasil, a Educação de nível superior a distância tem características presenciais, além das características a distância. Isso significa que algumas atividades serão feitas presencialmente.

Por isso que se adotou a nomenclatura semipresencial. Na verdade é uma Educação a Distância, que, pela legislação, precisa ter atividades presenciais. No nosso curso de Pedagogia, por exemplo. Nós temos os estágios que nós não podemos deixar de fazer. Então é uma atividade presencial. O aluno vai ter que estar em algum momento na escola para fazer o seu estágio. Há as provas, que nós chamamos de avaliações presenciais, que também, pela legislação brasileira, o valor tem que ser preponderante no conjunto, então, mesmo que o aluno tenha avaliações a distância, a maior parte da pontuação vai ser dada para as atividades presenciais, as avaliações presenciais.

Então, é para essa garantia de que haja atividades presenciais, de que a gente não pode fugir, que se costuma falar numa educação semipresencial.

A gente sabe que uma pessoa que nunca pode ir a um polo não pode fazer Educação a Distância. A gente tenta fazer com que haja polos avançados, polos que se interiorizam já para facilitar a vida do aluno; mas ele tem que ir lá, ele tem que ir às escolas para fazer os estágios, ele tem que defender presencialmente a sua monografia. Enfim, há uma série de atividades que, por lei, já estarão garantidas na Educação a Distância presencialmente.

**REVISTA:** Quais são os polos? Quantos são? Sei que são muitos. Quais são os cursos que a UNIRIO oferece na modalidade a distância?

**PROFESSORA LEILA:** Bom, primeiro são muitos polos. A UNIRIO faz parte de um consórcio, que é o consórcio CEDERJ, que aqui no Rio de Janeiro engloba todas as universidades públicas federais e mais as estaduais, que se juntaram para poder oferecer um leque grande de cursos e, hoje em dia, faz parte também desse consórcio a UAB, Universidade Aberta do Brasil. O consórcio CEDERJ faz parte da Universidade Aberta do Brasil. Com isso são muitos polos, são mais de trinta. A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro participa de alguns cursos.

Por exemplo, nós temos o nosso curso de Pedagogia e há duas universidades que o oferecem, a UNIRIO e a UERJ. Elas dividem vários polos no Estado do Rio inteiro. Com a UNIRIO ficaram 18 polos, predominantemente do Norte e do Noroeste Fluminense.

Mas há outros cursos. Curso de Matemática, que a UNIRIO participa com a Universidade Federal Fluminense, a UFF. Há o curso de História, da UNIRIO; esse está em quatro polos. Há o curso de Turismo, começando agora, que é ministrado junto com a Rural. Então varia muito. Nós, do curso de Pedagogia da UNIRIO, temos 18 polos nesse momento.

**REVISTA:** Essa era mais ou menos a próxima pergunta: a equiparação da grade curricular, então, iguala o aluno semipresencial ao aluno presencial?

**PROFESSORA LEILA:** É claro que existem diferenças pela própria natureza do curso, mas é basicamente o mesmo currículo. As exigências que são feitas para o curso presencial são feitas para o curso a distância. Tanto que, pela legislação, a gente não pode nem separar os alunos formados num curso em licenciatura em pedagogia. Assim como a gente não diz que os que fazem o curso presencial são formados na modalidade presencial, por que fazer diferença dos que são formados na modalidade a distância? É o mesmo curso.

\*Conservados o vocabulário e o coloquialismo da entrevistadora e da entrevistada. (N.R.)

**Entrevistadora:** Anne Caroline Costa

**Edição:** Anne Caroline Costa e Margareth Sales - Formadas em Pedagogia Cederj | Unirio em 2012.1 - Entrevista em 15 de Outubro de 2011.

# **Resenha:** Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da Educação Especial brasileira de Rosana Glat e Edicléia Mascarenhas Fernandes

## **Introdução**

No artigo em questão, as autoras fazem uma breve reflexão sobre os caminhos da Educação Especial no país, considerando os paradigmas teóricos vigentes e políticas educacionais em voga. Nessa empreitada, tomam o cuidado de frisar que as novas propostas não encerram ou esgotam as anteriores; antes, somam-se e buscam a coexistência com modelos já impetrados em nosso panorama educacional, já que as dificuldades de recursos institucionais e humanos são impositivas.

## **Desenvolvimento**

Para abonar a leitura que fazem deste cenário destacam que, inicialmente, a Educação Especial baseava-se em suporte à escola regular, configurando-se como um sistema paralelo de ensino que não contemplava de forma enfática as

várias possibilidades de desenvolvimento intelectual dos indivíduos.

Nessa busca progressiva por uma afirmação teórica e prática, a Educação Especial procurou garantir acesso à escola aos portadores de deficiências, inicialmente de forma clínica já que a deficiência era encarada como doença e seu viés, portanto, terapêutico, com o rigor dos exames médicos e psicológicos. Havia, então, pouco investimento na atividade acadêmica.

Num segundo momento (nos anos 70), a institucionalização dessa educação, aspirando aos avanços da Pedagogia e da Psicologia da Aprendizagem, enfoca o aspecto comportamental, mudando o paradigma de modelo médico para o modelo educacional. A ênfase não está mais na deficiência do indivíduo em si, mas em seu meio, por não proporcionar as

condições necessárias ao seu desenvolvimento. A metodologia da análise aplicada do comportamento indica o momento dos 'métodos e técnicas' e da conseqüente segregação do ensino regular na rede pública.

Nesta busca de recursos e métodos mais eficazes, a história da Educação Especial no país entra nos anos 80 acompanhando a tendência mundial de combate às desigualdades, e institui-se como filosofia da Integração e Normatização. Com isso, o modelo segregador passou a ser questionado, buscando-se, assim, alternativas pedagógicas de inserção, preferencialmente no sistema regular de ensino, modelo que prevalece ainda hoje, visando preparar alunos oriundos das classes e escolas especiais para a integração em classes regulares.

Essa nova mentalidade ganhou força no processo de redemocratização, resultando em transformação das políticas públicas, dos objetivos e da qualidade dessa educação. Entram em cena, nesta filosofia da integração, o construtivismo de Piaget e Emília Ferrero, e o sociointeracionismo de Vigotsky, que entende ser viável construir-se conhecimento na interação social. Enquanto isso, outra vertente teórica, voltada para os aspectos psicossociais, investiga as relações interação social / marginalização / socialização, que promovem a segregação, buscando entendê-las.

## **Conclusão**

Sobre a produção de conhecimento a respeito do assunto, as autoras afirmam que, na última década, erigiu-se um significativo acervo de pesquisas que disponibilizam subsídios importantes ao tema, porém são ainda poucas as pesquisas, experiências e práticas educacionais validadas cientificamente, que possam indicar o caminho do 'fazer inclusivo' no cotidiano escolar.

Conclui-se que a noção de complexibilidade aplicada à Educação Inclusiva mostra que haver ainda muito por fazer para que, efetivamente, exista uma proposta educacional amplamente difundida e compartilhada para o atendimento às pessoas portadoras de necessidades especiais. Só assim teremos um sistema educacional de qualidade e ao alcance

de todos em nosso país.

Apesar dos significativos avanços teóricos na concepção metodológica da Educação Especial, entende-se ainda existir uma imensa lacuna na prática escolar cotidiana, fomentada pela deficiência de recursos humanos e institucionais, a qual parece se arrastar pela história como resultado de omissão e descaso político.

**Regina Celi Lopes Lourenço**

Turismo Cultural e Patrimônio: A Memória Pantaneira no  
Curso do Rio Paraguai

**Álvaro Banducci Jr.**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil

## **Resenha:** Turismo Cultural e Patrimônio: A Memória Pantaneira no Curso do Rio Paraguai

Trabalho apresentado para a avaliação a distância da disciplina Cultura Brasileira

**Coordenador Maria Amália**

A viagem de pesquisadores pelo rio Paraguai tinha como meta encontrar possíveis evidências de degradação das margens do rio, observando a dimensão dos impactos, como também os efeitos econômicos que as atividades turísticas nas vias fluviais causavam à população pantaneira.

Este trabalho tem por objetivo avaliar a pesca como modelo de desenvolvimento turístico implantado na região; propõe-se, ainda, a avaliar o patrimônio histórico e cultural existente no rio Paraguai, visando à implantação de modalidades alternativas de turismo, como o turismo cultural. Por fim, pretende discutir o potencial desse tipo de atividade no processo de construção da memória e afirmação da identidade regional no contexto pantaneiro.

A cidade de Cáceres foi fundada em 1778 e tinha na pecuária a base de sua economia. Há

alguns anos, porém, ela, que se localiza às margens do rio Paraguai, tem atraído pescadores esportivos de diversos estados brasileiros, fazendo do turismo de pesca uma atividade que rapidamente se consolida e se impõe como importante setor da economia local. Apesar desse fato, o turismo constitui-se em alternativa importante, quando não a única, de emprego e renda para muitas famílias da região. Com isso, trabalhadores se mudaram para junto do rio a fim de exercer essa atividade específica, pois a falta de oportunidade e de emprego, não apenas nas fazendas, mas também nas cidades do Pantanal, acabou por obrigá-los a aventurar-se nessa nova atividade. Mudam-se famílias inteiras de seus locais de origem de pequenas propriedades rurais da região ou nas periferias urbanas para junto do rio.

A vocação turística do Pantanal mato-

grossense, a despeito da riqueza de seu patrimônio ambiental e de sua história, consolidou-se a partir da pesca esportiva. Os empresários perceberam na pesca a alta rentabilidade, o que desestimulou outros investimentos turísticos. Porém, a deteriorização causada nas margens do rio Paraguai foi resultante do tráfego de comboios de barcas, causando impactos ambientais. Sendo o leito do rio bastante estreito e sinuoso, os pilotos utilizam-se das margens para fazer suas manobras, arremetendo as barcas contra o barrando, causando desbarrancamento do solo argiloso e provocando assoreamento do rio, o que acarreta prejuízos para a flora e a fauna local.

Acontece que o turismo de pesca esportiva deu sinais evidentes de esgotamento, e a crise se instalou no cenário turístico da região, onde a população local, com a queda no fluxo de turistas, foi afetada negativamente no mercado de trabalho, pois tinha nessa atividade fonte principal ou alternativa de renda. Em alguns casos, excursões são programadas com meses de antecedência e os turistas detêm plenos poderes e direitos no barco. Estas excursões resultam em ações impactantes ao ecossistema da região.

Pode implicar perda dos clientes na estação seguinte, qualquer negativa às suas solicitações e desejos, tais como: agressões contra a natureza, como o abate de animais silvestres para servir de iguarias para clientes ávidos pelo sabor local; capturas de jacarés, que são trazidos aos barcos para serem fotografados com e pelos turistas, e outras práticas impactantes, como a presença de prostitutas nos barcos (com idades entre 13 e 15 anos), participando de festas por viverem na condição de pobreza extrema, sujeitam-se elas a qualquer tipo de negócio, vivendo à mercê da sorte e dos desejos dos homens. O turismo não é o agente direto do problema, porém causa exclusão social, comum a qualquer atividade no mundo capitalista.

Os empresários pensaram em uma nova modalidade turística, em que o mecanismo de inserção da população local no mercado de trabalho, tomado em sua variante de turismo cultural, poderia constituir-se em instrumento de

afirmação da identidade regional, na medida em que contribuísse para reavivar a história da gente pantaneira. Importa saber de que maneira o empreendimento turístico poderia contribuir para desencadear um processo semelhante, de resgate da memória e de valorização cultural, já que, em muitos aspectos, é justamente essa atividade que promove a descaracterização dos costumes e que produz desequilíbrios dos ambientes nos quais se implanta.

Alvaro Banducci Jr afirma que a experiência, através dos estímulos da memória histórica local, permitiu acessar as referências que singularizam a identidade regional. Percebeu que essa população perdera seu território, assim como sua cultura, pois, com a modernidade, os ribeirinhos tiveram de adotar novos costumes culturais, perdendo seu grande significado social e histórico. Cito, como exemplo, na cidade de Cáceres, onde o casario colonial, em muito ainda preservado, mantém na memória do povo a ponte de pedras, antigo patrimônio da cidade, réplica centenária de monumento francês, singular em sua arquitetura, demolido em nome da modernização. Por esses e outros motivos, a população pantaneira se descaracterizou, perdendo sua identidade. O turismo pelo rio Paraguai deixa de ser um rito de passagem para tornar-se, meramente, de lazer. No turismo, os pacotes visam atender demandas em que se expressa a artificialidade. Não há mais como o turista encontrar junto a esses povos diferentes culturas, experiências genuínas, que não mais são vivenciadas nesta sociedade; as recordações e memórias são construídas, e mais tarde podem ser desfrutadas, lenta e saborosamente, como se fossem um fato futuro em relação a outro no passado. Os passeios orientados formulam seu relato e revivem suas memórias, porém não as levando em consideração, pois não há verdade naquilo que é dito.

### **Conclusão:**

O turismo criou um processo de destruição cultural em decorrência do descaso e das políticas de modernização, causando grandes danos à população pantaneira, tornando como seu único meio de sobrevivência a única

atividade turística local: a pesca. Problemas estruturais dificultam o desenvolvimento do turismo pesqueiro, causando grande prejuízo para os rios. A identidade dessa população foi descaracterizada, pois, submetidas à modernização, se viu obrigada a criar relatos de culturas e memórias para entretenimento dos turistas, tornando-se pessoas sem história.

Para encontrar alternativas para uma nova modalidade turística local, buscam-se relatos de cronistas e pesquisadores que, no passado, visitaram a região pantaneira, avivando a memória com suas impressões da cultura, da natureza regional e da recuperação do patrimônio histórico, conseguindo-se, dessa forma, acessar o passado e, através dele, refletir sobre as experiências presentes. Conservar o patrimônio implica recuperar seu sentido histórico. Desse modo, pode-se planejar um projeto de turismo histórico e cultural. A identidade, moldada pela vivência cotidiana, é um mecanismo em constante construção, porém é preciso que o turismo se constitua numa oportunidade para que estas pessoas contem suas histórias e na garantia de que elas sejam realmente ouvidas.

## **Regina Celi Lopes Lourenço**

O Imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do Turismo

### **Margarita Barretto**

Universidade de Caxias do Sul – Brasil

# **Resenha:** O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do Turismo.

Trabalho apresentado para a avaliação a distância da disciplina Cultura Brasileira

## **Coordenador Maria Amália**

Percebe-se a necessidade de um estudo sobre o homem e a humanidade de maneira totalizante, pois sendo o turismo o movimento de pessoas, há necessidade deste estudo para levantar questões sobre como planejá-lo e como melhorá-lo nas cidades. Apesar de o turismo não gozar, até agora, de prestígio acadêmico este tema sempre pareceu sem importância, sem relevância e sem valor científico houve necessidade de se começar a ter uma visão geral dos estudos de antropologia aplicados ao turismo, através de tarefas que já foram empreendidas, com diferentes enfoques, nos Estados Unidos, Inglaterra e Brasil. Para planejar o turismo com base na comunidade local, devemos, primeiramente, ter claro o conceito de comunidade, e, para isso, precisamos das ciências sociais.

Impactos do turismo nas culturas locais

também são discutidos e relativizados em função de outros fatores de aculturação, pois, apesar ser uma atividade destinada a salvar as economias do terceiro mundo, percebeu-se a ação predatória do turismo de massas, comparando os turistas com hordas dos povos bárbaros que deixavam um rastro de destruição.

O desgaste físico e mental do trabalhador faz com que ele deseje fazer uma viagem cuja prioridade é o descanso, pois sair de férias é “para desligar, relaxar”. As empresas de turismo e os hotéis, contudo, negligenciam a comunidade autóctone; Krippendorf chama a atenção para o turista que não se preocupa em manter contato com os visitados. Este autor destaca que, embora queira fugir do cotidiano, o turista moderno acaba fazendo coisas semelhantes às que fazia lá, no ambiente do qual queria escapar.

Outra questão no tocante à relação

turista-turismo de massa, Sociologia do Turismo destaca que esse modelo participa muito pouco na promoção da autorrealização. Para ser turista de massa, é preciso ser passivo. O turista acaba por rejeitar o ambiente estrangeiro e, quando entra em contato com o outro, toma atitude colonialista. A humanização do turismo não consiste em benefícios somente aos turistas. Ela se alonga e procura alcançar a cultura da comunidade daquela região, e vice e versa. A tese da humanização traria um turismo mais harmonioso entre as pessoas, mais adequado para quem recebe e, conseqüentemente, para aquele que é estrangeiro. O livro identifica uma época de mudanças da sociedade, que reflete sobre o turismo voltado para a descentralização, limites de fluxo, valorização regional, tanto de produtos como de serviços.

Estudos de antropologia estão, na atualidade, preocupados com os impactos de certas formas de turismo, especialmente o cultural e o étnico, e com a descaracterização e comercialização das culturas que eles provocam; abordam mudanças sociais em nível mundial, provocadas pelo turismo. A maior parte dos estudos do turismo, tanto no Brasil quanto no exterior, tem focalizado, principalmente, os impactos na cultura, os processos de aculturação e a questão da autenticidade. O maior volume de estudos científicos sobre turismo provém das ciências econômicas, que analisam o crescimento e a movimentação de capitais a partir da chamada "indústria" do turismo, ou seja, dos negócios turísticos: o turista se desloca por diversas motivações, visitando outros lugares e utilizando uma série de equipamentos e serviços especialmente implementados para esse tipo de visitação. São conhecendo muito profundamente a sociedade receptora e a sociedade emissora   que se pode minimizar os impactos ou interferências negativas e potencializar os positivos.

Para relativizar os impactos culturais e discriminar o que   desejável em termos de acultura o,   necessário entender o conceito de cidadania. O turismo não   o único fator de acultura o, muito menos no atual estágio de globaliza o da cultura propiciado pelas

tecnologias da comunica o. Também   preciso verificar realmente quais valores trazem bem-estar ao ser humano. Será que   correto manter uma popula o sem direito ao conforto contemporâneo, propiciado pela tecnologia para perpetuar uma "autêntica cultura caiçara ou rural"?

Ajudar a entender os processos psicossociais desencadeados pelo fen meno turístico seria uma enorme contribui o das ciências sociais para o planejamento equilibrado de um turismo responsável. Se, de um lado, esse planejamento trouxe muito dinheiro para os participantes nos negócios turísticos, os resultados, para as comunidades envolvidas, não estão muito claros. As técnicas de planejamento e marketing não d o conta desses desdobramentos.

## CONCLUSÃO

Para tentar melhorar as rela oes no turismo,   necessário se aprofundar no grande paradoxo da rela o turistas-anfitriões. Apesar de não haver muitas pesquisas sistematizadas a respeito, as poucas existentes demonstram que, na verdade, os habitantes dos lugares turísticos que se beneficiam economicamente da presença dos turistas não estão precisamente interessados em recebê-los, mas, sim, no dinheiro deles. Os turistas passam a ser um mal necessário. Mal, porque sua presença   inc moda; necessário, porque seu dinheiro faz falta. Os turistas, por sua vez, veem no habitante local apenas um instrumento para seus fins. O grande paradoxo do turismo   que essa atividade coloca em contato pessoas que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como portadores de uma fun o precisa e determinada. Ajudar a entender os processos psicossociais desencadeados pelo fen meno turístico, as expectativas, desejos, satisfa oes e frustra oes das popula oes anfitri as e dos turistas, as motiva oes para agir de uma ou outra maneira, a busca para além da simples viagem, a dinâmica cultural em que o turismo está inserido, a diversidade de interesses e necessidades sociais que o turismo afeta, enfim, seus dilemas e paradoxos, seria uma enorme contribui o das ciências sociais para o planejamento equilibrado de um turismo responsável.

## **Resenha:** Do artigo de Sandra Souza. "A criança como coconstrutor de conhecimento, identidade e cultura".

A autora apresenta alguns dos diferentes entendimentos sobre a criança em sua relação com os adultos e o mundo à sua volta, o que, invariavelmente, influencia a prática pedagógica e contribui efetivamente para a tomada de decisões conjuntas e para um diálogo responsivo entre crianças e adultos.

O enfoque, então, é a influência que os discursos sobre a infância têm nas instituições dedicadas a ela; qual o papel das ciências na legitimação do conhecimento e sua influência no comportamento da criança; e que entendimento temos sobre/com as crianças na atualidade.

Para tanto, a autora inicia questionando qual é o conhecimento legítimo. Parte do princípio de que os "discursos dominantes da modernidade, legitimados pelas Ciências, têm sido incorporados por profissionais, pesquisadores, pais e influenciam as relações

construindo significados nas instituições dedicadas à primeira infância."(p.107)

Segundo a autora, com base nas novas áreas de conhecimento da Ciência Moderna, concepções e entendimentos têm sido reformulados com o intuito de contribuir para a relação entre adultos e crianças. Cita Dahlberg, Moss e Pence, que advogam ser a infância simultaneamente coconstruída e desconstruída em seus contextos sociais e culturais pelas próprias crianças.

Assim, discutem os saberes legitimados por considerarem não ser possível definir um "ser criança" numa perspectiva ontológica, mas sim entendimentos em discursos proferidos.[SIC].

Destacam cinco entendimentos sobre/com as crianças:

1. A criança como um reprodutor de conhecimento, identidade e cultura. As

instituições dedicadas à primeira infância tratam-nas como incompletas, visando à preparação do adulto do mundo atual.

2. A criança como um inocente, nos anos dourados da vida. Há necessidade de proteção contra o mundo violento e corruptível à sua volta.

3. A criança como Natureza... [SIC] ou Científica com Estágios Biológicos. Entende-se um ser biologicamente determinado, com propriedades universais e capacidades inerentes ao processo.

4. A criança como fator de suprimento do mercado de trabalho. A necessidade de provisão da primeira infância é vista como incorporada à demanda do mercado de trabalho.

5. A criança como um coconstrutor de conhecimento, identidade e cultura. Novos paradigmas consideram os direitos individuais e coletivos da infância, reconhecendo seu lugar independente na sociedade como membros plenos e importantes.

## COMENTÁRIO

A autora, apoiada nas idéias de Dahlberg, Moss e Pence, aborda de maneira implícita o questionamento a respeito da postura triunfalista do conhecimento científico sobre a criança e aposta na experiência do encontro nas instituições de Educação Infantil, as quais valorizam as relações sociais e a participação de todos na construção de novos significados sociais, culturais, políticos e econômicos.

A escola que, em seu entender, vai ao encontro do pensamento atual deve ser espaço de pesquisa e diálogo, em que a participação de pesquisadores, educadores, família, comunidade e alunos se integram em ações participativas nos processos de aprendizagem, num amplo projeto de política pública.

Recomenda ela que o profissional de Educação Infantil faça “escolhas” de acordo com as crianças com as quais trabalha, porém deixa implícito quais são essas escolhas, talvez querendo dizer que se deva conhecer verdadeiramente o aprendente em sua integralidade como ser, abrindo espaço para sua individualidade e efetiva participação na construção de conhecimento e cultura.

Considerando a complexidade do assunto,

algumas questões suscitaram dúvidas (por exemplo a correlação entre os quadrinhos e os tópicos), que carecem de maior aprofundamento para melhor se compreender e se apreender o tema. Porém, posso concluir a necessidade real de, como futuro profissional da educação, ampliar o entendimento do ‘ser criança’, para a melhor organização e aproveitamento possível dos espaços, tempos, experiências e práticas pedagógicas.

## Poema: Círculo Vitorioso

### Círculo Vitorioso

Suspensa no ar, suspirava a estrela:

- Quem me dera tocar essas terras de rara beleza

Em que reflito nas águas desse azul-turquesa!

Mas, sonhava também a terra em tê-la:

- Pudesse eu tocar aquela que vela,

Tão linda e cintilante, distante, uma quimera,

Minhas águas apenas refletem o brilho que gera!

Outra terra, porém, interpela:

Tu és Vitória, uma cidade mui bela

De tanta claridade e lume

Que muitas de ti têm ciúme!

- Sou terra apenas entre as terras,

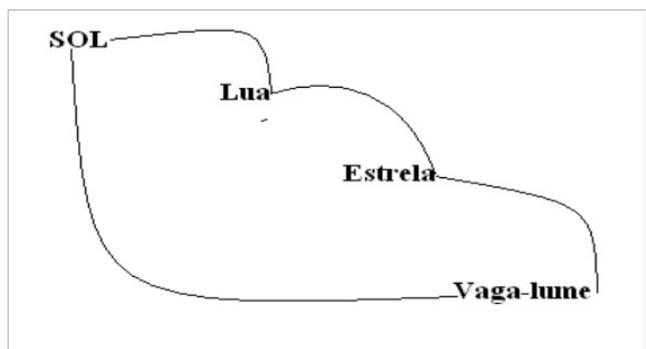
Reflito o brilho daquela estrela celeste,

Sou pequena e frágil; de paz, não de guerras!

Poema escrito em 5/5/2011, com base no poema Círculo Vicioso, de Machado de Assis, em atividade da disciplina de Seminário de Práticas Educativas 2.

## Contribuição ao Poema: Carla Marília dos Santos

Contribuição de Carla Marília dos Santos sobre o poema de Machado de Assis, *Círculo Vicioso*, fonte de inspiração de José Marcelo Dutra dos Santos:



Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:  
- Quem me dera que fosse aquela loura estrela,  
que arde no eterno azul, como uma eterna vela!

Vaga-lume --> Estrela

Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

Estrela--> Lua

- Pudesse eu copiar o transparente lume,  
que, da grega coluna á gótica janela,  
contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela !  
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

Lua--> Sol

- Misera ! tivesse eu aquela enorme, aquela  
claridade imortal, que toda a luz resume !  
Mas o sol, inclinando a rutila capela:

- Pesa-me esta brilhante aureola de nume...  
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...  
Porque não nasci eu um simples vaga-lume?

Sol--> Vaga-lume